

ESTÁGIO E OS PROBLEMAS DE GÊNERO: DIFICULDADES E CONQUISTAS DOS ESTUDANTES DO IFBA NA BUSCA PELO ESTÁGIO CURRICULAR

Alba Bandeira Colaço e Fabiana Freitas Costa

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia campus Simões Filho
fabiana.costa@ifba.edu.br*

Resumo

O presente trabalho concentra-se nos temas gênero, suas relações interseccionais e como estes marcadores sociais afetam o processo de inserção no mercado de trabalho, em especial, no processo de conquista do estágio curricular para os estudantes técnicos subsequentes do curso de Petróleo e gás do Instituto Federal da Bahia campus Simões Filho. Para tal, foi aplicado um questionário virtual aos alunos e alunas egresso(a)s do ano de 2014, obtendo resultados que apontaram dificuldades relacionadas ao cenário empregatício atual na área petrolífera e dificuldades relacionadas ao gênero, marcador que limitou as alunas o acesso a vagas de estágio. Por fim, a pesquisa utilizou o método exploratório, investigando marcadores sociais que facilitaram ou dificultaram o acesso dos estudantes ao estágio curricular.

Palavras-chave: Gênero, Educação profissional e Estágio.

As relações de gênero, que implicam em relações de poder entre as categorias tradicionalmente construídas, Homens e Mulheres, estão presentes em todos os espaços da sociedade. Por outro lado, a partir da análise de Butler (2003), de que o Gênero seria também uma prática discursiva, aberto a “ressignificações”, tendo os sujeitos possibilidades de “assujeitamentos” e resistências, Santos (2013) propõe a análise de que a Escola seria um espaço em que as duas faces do gênero apareceriam, a que enclausura e a que liberta, a que reproduz conceitos tradicionais e a que os rompe. O ambiente acadêmico seria um lugar de expressão, ao mesmo tempo, um espaço que exige sujeições e normatividade. E as novas características de organização escolar, como as Escolas de ensino técnico profissional, que aproximam homens de mulheres, estão favorecendo mudanças de perspectivas e desejos para os sujeitos, que antes se viam limitados pelas “regras” sociais que seus gêneros exigiam.

As mudanças de mentalidade, novas modalidades e cursos estão agregando mais mulheres ao espaço de formação acadêmica industrial. Contudo, a continuidade dos padrões de gênero no mundo do trabalho e a sexualização das ocupações podem influenciar e comprometer a participação de mulheres em áreas fabris, que historicamente demonstraram serem espaços hostis a presença feminina. (DIOGO & COUTINHO, 2006)

Diante do cenário empregatício limitado e sexista é relevante o estudo sobre o processo de inserção no mercado de trabalho na área industrial, tendo em vista a ampliação de escolas técnico-profissionalizantes no país. Assim, o presente trabalho faz o questionamento de como tem se dado o acesso dos alunos e alunas egresso(a)s do ano de 2014, do curso técnico de Petróleo e Gás, modalidade Subsequente, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA) campus Simões Filho na busca pelo Estágio Curricular, como ingresso ao mercado de trabalho na área petrolífera; e de que modo esse acesso está sendo mediado pelas questões de gênero e suas interseccionalidades. (CRENSHAW, 2002) Assim, o objetivo central é compreender e identificar as conquistas, os desafios e as perspectivas em relação ao mercado de trabalho, analisando até que ponto as diferenças de gênero se constituem em obstáculos ou possibilidades de acesso.

Foi necessário então mensurar o tempo que os estudantes participantes da pesquisa levaram para a conquista do estágio; mapear por gênero os setores da cadeia de petróleo e gás onde os estudantes selecionados conseguiram mais aceitação para estagiar, identificando se essa abertura perpassa pela idéia de sexualização das ocupações; descrever como foi a trajetória acadêmica dos estudantes, investigando se houve desencorajamentos em relação ao mercado de trabalho durante o curso; e finalmente identificar quais as expectativas, as opiniões e as motivações sobre o curso de Petróleo e Gás Natural e o mercado de trabalho.

Tendo em vista o particular alcance deste trabalho, o método exploratório de pesquisa foi utilizado e a coleta de informações foi através da aplicação de um questionário via portal virtual Google Formulários, com os enfoques: informações pessoais (idade, sexo, raça, semestre de início e conclusão do curso), experiência acadêmica (cursos extras em outras instituições, a experiência na sala de aula e processos desmotivadores), experiência profissional (experiência na área petrolífera e rejeição de currículos), estágio (tempo de conquista do estágio e setores de maior aceitação) e expectativas (expectativas em relação ao mercado de trabalho).

Desafios e conquistas dos estudantes na busca pelo estágio

A partir das respostas do primeiro bloco de perguntas foi produzida a tabela a seguir.

Tabela 1 - Informações pessoais

Aluno(a)	Sexo/Gênero	Raça/Etnia	Ingresso	Egresso	Idade
Rodrigo	Masculino/Homem	Pardo	2013.1	2014.2	27
Norran	Masculino/Homem	Pardo	2013.1	2014.2	27
Aislan	Masculino/Homem	Branco	2013.1	2014.2	29
Bruno	Masculino/Homem	Negro	2012.2	2014.2	Não informado
Adriana	Feminino/Mulher	Negra	2013.1	2014.2	22
Clarice	Feminino/Mulher	Negra	2011.2	2014.1	26
Dinólia	Feminino/Mulher	Branca	2013	2014.2	33
Mariana	Feminino/Mulher	Parda	2013.1	2014.2	23
Daniel	Masculino/Homem	Negro	2013.1	2014.2	31

Fonte: Questionário, portal Google Formulários.

Após a análise das respostas foram observados dois principais fatores que marcaram as dificuldades de conquista de estágio. Em primeiro lugar ficou a crise no setor empregatício da área de petróleo e gás. Dos nove alunos, apenas o Rodrigo estagiou e concluiu o curso, tendo sua experiência, porém dentro do próprio IFBA, como ele mesmo explicou: “estagiei na oficina/laboratório do IFBA campus Simões filho (processo seletivo interno com 1 vaga para atuação nos laboratórios do campus). Fui indicado por um professor, já que tinha sido classificado no processo seletivo (concurso) da Petrobras e poderia demorar a conseguir estágio na área”.

De maneira geral, todos apresentaram frustração quanto à tentativa de inserção no mercado de trabalho petrolífero a partir do estágio curricular em petróleo e gás natural. Como mostra a figura 1, todas as respostas à pergunta aberta do questionário, que envolvem as expectativas sobre a conquista do estágio e ao mercado de trabalho, foram negativas e demonstraram insatisfação.

Figura 1 - Expectativas quanto ao estágio e o mercado de trabalho.

Não. Atualmente o mercado para indústria de Petróleo e Gás está muito decadente e não superou as minhas expectativas.
Ainda não foram
Não. Conseguir estagiar e ser contratado
Não conseguir estágio
Não. Estagiar na área, consegui um bom emprego na área e consegui exercer e colocar em prática o que só aprendi na teoria no Ifba - SF.
Não, minha perspectiva era simplesmente trabalhar na área.
Que conseguiria entrar logo no mercado.
Não. Pois com a crise no ramo petroleiro, muitas portas se fecharam. Fora a dificuldade da instituição em ajudar com o estágio.
Ainda não foram alcançadas.

Fonte: Imagem retirada do Questionário – Portal Google Formulários.

A frustração quanto à conquista do estágio demonstrou ser decisiva na escolha à futura carreira técnica-profissional de petróleo e gás, como mostra a tabela 2.

Tabela 2 – Pretensões de futuras carreiras profissionais.

Aluno(a)	Carreira profissional / Graduação (curso)
Rodrigo	Ens. Superior - Engenharia Química
Norran	Ens. Superior – Engenharia Elétrica
Aislan	Ens Superior – Não informou
Bruno	Ens. Superior – Geografia
Daniel	Técnico profissional – Petróleo e gás
Adriana	Ens. Superior – Engenharia de Produção
Clarisse	Ens. Superior – Engenharia de Minas
Dinólia	Não informou
Mariana	Ens. Superior – Direito

Fonte: Questionário, portal Google Formulários.

De todos os alunos e alunas que participaram do questionário, apenas o Daniel pretende seguir a carreira técnico-profissional na área de petróleo e gás natural. Os outros responderam ter maior interesse na educação superior. Afinal, os cursos de Engenharia, por exemplo, são pré-hierarquisados para os cargos de chefia na área industrial, ao contrario dos cursos técnicos profissionalizantes, com alcances específicos na formação de mão de obra.

Não foi possível aferir sobre as tendências de escolhas dos cursos superiores com base na análise da sexualização das ocupações por conta do número de alunos que participaram dessa pesquisa, porém é necessário que se atente as continuidades dos padrões de gênero enquanto mediadores do acesso ao ensino superior e posteriormente ao mercado de trabalho. De acordo com Lombardi (2006) o maior ingresso de mulheres em escolas de engenharias ocorreu no Brasil a partir do ano de 1990, tendo os cursos de Engenharia Civil e Química 59% das conclusões femininas e em 2002 de 40%. Assim como foi observado em Lombardi (2006), com base nos reflexos dos padrões de gênero na esfera profissional é possível que haja continuidades desse fenômeno na atualidade e que acometa aos alunos e alunas do IFBA campus Simões Filho.

O segundo fator limitante na conquista do estágio foi à questão do gênero. Tanto a Clarisse quanto a Mariana responderam em seus questionários que passaram por experiências de seleção para estágio, em que tiveram currículos rejeitados porque as empresas informaram não contratar mulheres para a área operacional do ramo de Petróleo e Gás. Por ser um espaço que historicamente apresenta maior participação masculina, o espaço industrial petrolífero ainda revela experiências de rejeição à participação feminina. Evidências semelhantes foram abordadas por Lombardi (2006) em suas entrevistas as engenheiras e engenheiros, onde afirmaram encontrar resistência no ingresso e permanência de mulheres no “chão de fábrica”:

O depoimento de Lauro [...] resume a maior parte dos argumentos segundo os quais as mulheres engenheiras não combinariam com canteiros de obras: ambiente abrutalhado, trabalho pesado e sujo e a falta de infra-estrutura de alojamentos e sanitários para recebê-las. (LOMBARDI, 2006)

E conclui ainda:

a. os domínios da produção e da fábrica continuam predominantemente masculinos; b. nos laboratórios, não voltados a produção, predominam as mulheres e naqueles onde há atividades de produção, os homens; c. as atividades de assistência técnica às empresas, as consultorias, as atividades de cunho “relacional” envolvendo clientes, fornecedores, empregados, parecem mais permeáveis à presença das engenheiras; d. nos cargos de alta gerência e direção, a tendência é haver um número menor de engenheiras; e. quando assumem postos de chefia, elas parecem se concentrar em determinadas áreas, como por exemplo, pesquisa e desenvolvimento de produtos, marketing etc. (LOMBARDI, 2006)

Não obstante, quando estão inseridas nos espaços industriais petrolíferos, as mulheres tendem a sofrer com os processos de precarização dos postos de trabalho. Com as atuais reestruturações produtivas, provocadas pelo acirramento da economia global, a precarização dos postos de trabalho torna-se uma consequência inevitável, propiciando o crescimento dos empregos temporários, de meio turno ou parciais, trabalhos estes, precarizados e com baixos salários; e que preferencialmente tem grande absorção da força de trabalho feminina. (ANTUNES, 2000) Essa grande adesão está diretamente associada ao processo de “dupla jornada de trabalho” enfrentado pelas mulheres, tendo estas que conciliar o trabalho reprodutivo doméstico com o trabalho produtivo nos postos remunerados. (BUARQUE, et al., 2006) Dessa forma, elas seriam a estratificação da classe trabalhadora mais propícia à essa adesão.

Mais grave ainda foi uma das respostas afirmativas de uma das alunas quanto a ser assediada verbalmente e moralmente por professores e alunos do IFBA campus Simões Filho. Caso semelhante foi evidenciado por Moreira (2016), em sua pesquisa “Violência de gênero na escola: abuso/assédio sexual e relações de poder”, onde mostrou haver violência de gênero no que se refere ao assédio sexual no Instituto Federal de Santa Catarina.

A resposta da aluna entrevistada não nos permitiu saber detalhes sobre a situação relatada, mas ainda assim, revela como o ambiente escolar pode ser um espaço opressivo e reprodutor das dinâmicas violentas da sociedade. Situações envolvendo violências de gênero no espaço escolar podem provocar desmotivações para a continuidade do curso ou até consequências traumáticas do ponto de vista psicológico, além de ser um fator limitante para o acesso a área profissional.

Em relação aos marcadores do gênero que consideramos interferir indiretamente no processo de conquista do estágio listamos o diferencial curricular e a relação com o trabalho remunerado e o trabalho doméstico.

A respeito do diferencial curricular, apenas o Bruno não possuía outro curso ou experiência profissional na área de petróleo e gás, dos 5 alunos homens. Entre as 4 mulheres, nenhuma possuía outro curso que agregasse o currículo profissionalmente. Das quatro alunas apenas a Mariana demonstrou ter preferências de trabalho quanto aos substratos da cadeia petrolífera e também a única aluna que respondeu ter afinidade com a área, podendo esse fato ser indicador de familiaridade, sendo levado em consideração que as preferências também são moldadas pela construção social do gênero.

É importante atentar também para as possíveis dificuldades de administração acadêmica por conciliação com o trabalho. De todos os alunos participantes apenas a Adriana não trabalhava enquanto cursava petróleo e gás. Além do mais, todos responderam possuir a vontade ou a necessidade de ingressar no mercado de trabalho, preferencialmente na área de petróleo e gás através do estágio curricular. Dos 9 alunos, 5 responderam que são responsáveis ou ajudam parcialmente com as despesas familiares, sendo esse aspecto relacionado com o marcador de classe social.

Em relação à participação nas atividades domésticas, as respostas foram equilibradas entre os alunos e as alunas, devendo ainda assim ser dada a atenção a possibilidade dessa demanda ser mais acometida as mulheres, além da possibilidade de maternidade. Com a demanda do trabalho reprodutivo e de “maternagem” (BUARQUE, et al, 2006), as mulheres estudantes ficam vulneráveis aos processos de evasão escolar.

Finalmente, a análise quanto ao tempo de conquista do estágio e a sexualização da cadeia de produção, verificando em quais lugares os alunos e alunas tiveram mais aceitação para estagiar, não foi possível porque só o Rodrigo estagiou, mantendo a análise deste trabalho focada nas respostas que direcionaram um marcador que facilitasse ou não o acesso dos estudantes ao estágio curricular.

Algumas considerações

A abordagem das dificuldades e conquistas dos estudantes do curso técnico de Petróleo e Gás Natural, modalidade Subsequente, do IFBA campus Simões Filho, na busca pelo estágio curricular, sendo mediada pelas questões de Gênero e outros marcadores sociais correlatos, é fundamental para a idealização de futuras e maiores investigações que possam desvendar e quantificar os obstáculos enfrentados pelos alunos e alunas.

Ainda mais, a consideração e uso da análise Interseccional é importante para mediação e intervenção das barreiras na conquista do estágio e futuramente a entrada no mercado de trabalho. Devendo assim, dar a atenção aos marcadores sociais que aqui neste trabalho não foram protagonistas, mas que podem influenciar outras vivências: a raça/etnia, a escolaridade, a idade, a classe, a sexualidade, entre outros marcadores.

Tendo como um dos objetivos o estímulo e o apoio nos processos educativos que levem à geração de trabalho e renda e à emancipação do cidadão na perspectiva do desenvolvimento socioeconômico local e regional, é de incumbência do IFBA campus Simões Filho e de suas Coordenações responsáveis, portanto, que investigue ou incentive outras investigações acerca dos problemas e tensões que permeiam o processo de conquista de estágio, assim como a vida acadêmica e social dos estudantes de seus cursos técnicos. Poderá também viabilizar, mediar e fornecer intercâmbio na relação estudante-empresa. Assim, o instituto terá uma ferramenta de avaliação de qualidade no que tange seu objetivo central.

As concepções de Gênero têm influência nas possibilidades de inserção profissional e no desenvolvimento de carreiras. Atentar e intervir nos discursos violentos e opressores, como o racismo, o machismo, a homofobia, o capacitismo, o classismo e outras formas de intolerância que possam mediar a entrada dos sujeitos no mercado de trabalho é compreender o quão necessário e importante é o processo de conquista do estágio para a “classe que vive do trabalho”. (ANTUNES, 2009, p. 196)

Referências bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. Os sentidos do trabalho: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 2. ed. São Paulo: Boitempo Editorial, p. 196, 2009.

ANTUNES, Ricardo. Trabalho e precarização numa ordem neoliberal. In: GENTILI, Pablo e FRIGOTO, Gaudêncio (orgs). A Cidadania negada. São Paulo: Cortez, 2000, p. 35-48.

BUARQUE, Cristina. et al. O que é gênero?. Formação de formadores em gênero para trabalhadoras do setor do comércio. Caderno Gênero e Trabalho. Salvador: REDOR, 2006, p. 25-35. Disponível em <http://www.neim.ufba.br/wp/wp-content/uploads/2013/11/formacaotrabalhadores.pdf>

BUTLER, Judith. Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. Revista estudos feministas, v. 10, n. 1, 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>

DIOGO, Maria Fernanda; COUTINHO, Maria Chalfin. A dialética da inclusão/exclusão e o trabalho feminino. INTERAÇÕES. vol. XI, n 21, p. 121-142, 2006. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/inter/v11n21/v11n21a07.pdf>

LOMBARDI, Maria Rosa. Engenheiras brasileiras: inserção e limites de gênero no campo profissional. Cadernos de pesquisa, v. 36, n. 127, 2006, p. 173-202. Disponível em <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/viewFile/415/418>

MOREIRA, Flavia Maia. Violência de gênero na escola: abuso/assédio sexual e relações de poder. 2016. Monografia (especialização) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Curso de Gênero e Diversidade na Escola. Florianópolis, SC. Disponível em https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/173809/TCC_FlaviaMaiaMoreira.pdf?sequence=1&isAllowed=y

SANTOS, Elza Ferreira. Educação profissional, subjetivação e gênero: uma investigação no Instituto Federal de Sergipe. Universidade Federal de Sergipe, 2013. Disponível em www.oei.es/historico/congresoctg/memoria/pdf/SANTOS.pdf